



8

RENATO FERRAZ é antropólogo e historiador, exercendo atividades no Centro de Estudos Euclides da Cunha – Uneb, como técnico pesquisador. Desde 1985, exerce a coordenação do Projeto Canudos sendo, inclusive, o seu idealizador.

O centenário do Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história

Durante a segunda semana de junho do corrente ano (1) a Universidade do Estado da Bahia (Uneb), liderando um conglomerado de outras instituições, promoveu na atual cidade de Canudos uma extensa programação que visava assinalar o transcurso do primeiro centenário de fundação do extinto arraial do Belo Monte pelo grande condutor do povo sertanejo Antônio Conselheiro.

Inserida, com certa desvantagem, no âmbito das festividades religiosas e profanas dedicadas a Santo Antonio, padroeiro da comunidade, a III Semana Cultural de Canudos terminou por constituir-se, segundo o dizer de muitos, na mais importante reunião de "canudistas" realizada nos últimos anos no país. Na realidade, o êxito incontestável das palestras, conferências e mesas-redondas deveu-se não somente às notórias qualificações dos especialistas convidados (2), como à sua subordinação aos dois grandes temas previamente propostos: quem

foi Antônio Conselheiro e o que era o Belo Monte ou Canudos?

Por quatro dias, em auditório improvisado no clube Vaza-Barris, uma platéia de estudantes, professores e interessados teve a oportunidade de, durante horas seguidas, discutir detalhadamente aspectos da vida e da personalidade do beato cearense, da sua cidadela indomável e das multidões que o seguiram até a morte.

Todavia, a variedade de assuntos abordados não foi capaz de mascarar algumas preocupações compartilhadas por muitos dos presentes e que, como seria de esperar, terminaram por polarizar boa parte das discussões mais calorosas, especialmente as que se seguiram ao sem-número de perguntas suscitadas pela conferência mais ansiosamente esperada que foi a proferida pelo professor José Calasans (3).

Na sua fala, o professor Calasans, além de oferecer ao conhecimento dos estudiosos os resultados das suas mais recentes pesquisas sobre o episódio de Masseté, discorreu minuciosamente, com a segurança que lhe permitem os seus quarenta anos de estudos da história de Canudos e o incontestado título de maior conhecedor das suas fontes originais, sobre algumas facetas até aqui desprezadas pelos historiadores, tais como a participação dos negros (4), dos índios kiriris de Mirandela e dos caimbés de Massacará, o muito pouco conhecido cotidiano do arraial conselheirista e a organização do estado teocrático estabelecido às margens do Vaza-Barris em junho de 1893.

Entretanto, foi um jornalista francês, P. Postal, quem, no artigo intitulado “Canudos Revisité”, publicado em uma pequena revista de informação sobre o Brasil (5), ao contrário dos vários jornalistas brasileiros presentes, atingiu o ponto nevrálgico que estava subjacente em todas as discussões, constituindo-se, portanto, em um “nó” a desatar (6).

Em seu sucinto relato, que avisa, desde o subtítulo, que as comemorações do centenário de Canudos “...*restent partagées entre la vérité historique et le mythe*”, Postal coloca o professor Calasans como o mais representativo membro de uma escola de historiadores que apenas se esforça por acumular fatos que têm permitido “afinar” a imagem da sociedade conselheirista e da guerra. Aqui, não parece inteiramente correta a assertiva, sobretudo porque não se tem conhecimento de nenhuma escola de historiadores que tenha como chefe ou prin-

cipal representante o maior estudioso do tema.

Na verdade, o professor Calasans é geralmente consultado e ouvido em decorrência do seu imenso conhecimento e da sua permanente disposição para repassá-lo (7). De resto, sua postura como historiador em nada difere da de Capistrano de Abreu na infatigável busca de documentação capaz de respaldar suas afirmativas, tal como procedia o grande renovador dos estudos da história do Brasil (8). O certo é que o motor da reação observada na III Semana Cultural de Canudos originava-se, basicamente, de uma perplexidade que, de tempos em tempos, vem acompanhando os que trabalham com Canudos, mormente na Bahia (9). Tem sido observado, através dos registros dos visitantes do Núcleo Sertão e do Centro de Estudos Euclides da Cunha – Uneb, um contraste gritante entre a quantidade de pesquisadores que vem freqüentando as duas instituições e as relativamente numerosas publicações dedicadas ao estudo daquele que pode ser considerado o mais denso, complexo e importante fato histórico brasileiro. Hoje, os pesquisadores brasileiros de Canudos estão em nítida minoria em face dos procedentes de outros países, até mesmo do Japão! Paralelamente – e, ao que parece, em sintonia com a reduzida freqüência sentida – não tem sido assinalada uma freqüência maior de obras que objetivem os aspectos mais obscuros da temática canudense, nem a elevação qualitativa do seu teor pode ser registrada (10). Ao que tudo indica, parte considerável do que tem sido produzido não tem ido além da repetição dos mesmos chavões, de descrições lineares do episódio ou dos velhos e gastos apelos emocionais aos absurdos atentados contra os direitos humanos cometidos pela repressão republicana.

De raro em raro, surge uma abordagem original ou estudos que se apresentam com um mínimo de respeito às fontes e rigor científico. A grossa maioria peca por um excesso de “criatividade” tendente a borrar por completo a fronteira, que sempre deve existir, entre a obra de ficção e a histórica, tão bem estabelecida por José Honório Rodrigues: “O historiador não cria, como na ficção, antes recria um mundo realmente vivido, sofrido ou aproveitado” (11).

Na realidade, a vertente ficcionista da história de Canudos não se inicia, como comumente se pensa, com o livro de Edmundo Moniz, *A Guerra Social de Ca-*

1 Mais precisamente entre os dias 7 e 12.

2 Estiveram presentes como conferencistas o professor José Calasans, o padre Alexandre Otten SVD, a professora Luitgarde Cavalcanti Barros e o professor Ferdinand C. Pergira. Numerosos outros especialistas lá estiveram, participando dos debates, como o professor Fadel David, o professor Geraldo Taylor, Adelino Brandão. Foram, sobremaneira, lamentadas as ausências, por motivo de saúde, das professoras Maria Isaura Pereira de Queiroz, Josiliete Consorte e do professor Nelson Werneck Sodré.

3 Vale registrar que no dia 12 de junho a Câmara de Vereadores entregou ao professor José Calasans o primeiro título de cidadania concedido pelo município, traduzindo o reconhecimento do povo de Canudos ao mais notável estudioso do seu passado.

4 A expressão “Canudos foi o nosso último quilombo” é da autoria do professor e tem sido alvo de algumas das suas preocupações nos últimos tempos.

5 A publicação intitulada-se *Infos Brésil* e o número em questão é o correspondente aos meses julho-agosto/93.

6 Com raras exceções, os nossos patrícios optaram pelos assuntos mais superficiais, talvez os únicos que lhes foi possível vislumbrar. Um deles preferiu concentrar-se nos aspectos ditos de copa/cozinha, tais como o número de cestas básicas que seria possível adquirir com as somas despendidas pela Uneb e pela prefeitura, ou uma “importante” investigação sobre a autoria do pedido feito ao Exército para a montagem de um acantonamento que abrigou cerca de trezentos alunos e professores de colégios e universidades, além de artistas de teatro, músicos, etc.



7 Uma rápida consulta à bibliografia canudense, a partir da década de 60, permitirá verificar a veracidade do que é afirmado.

8 Analogamente, assim como Capistrano liberta a nossa história das peias da historiografia oficial varnhageniana, por meio da crítica competente e lúcida que faz do saber histórico da sua época, o professor Calasans é o responsável pela libertação dos estudos canudenses, então aprisionados na "gaiola de ouro" de *Os Sertões*.

9 Possivelmente pela proximidade física com os dois maiores repositórios de documentação: o Núcleo Sertão do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia e o Centro de Estudos Euclides da Cunha da Universidade do Estado da Bahia.

10 Uma das poucas exceções é o livro do padre Alexandre Otten SVD sobre a religiosidade do Conselheiro, intitulado *Só Deus É Grande*. Entretanto, o mais comum tem sido o surgimento de textos que denotam uma indesculpável leviandade, seja em questões de nomes, como a data do nascimento do Conselheiro - a certidão de batismo do beato está publicada há quase 25 anos! -, seja em outras mais graves e até risíveis como a existência, mencionada por um autor, de um saveiro de bandeira estrangeira (sic) que teria sido apreendido, no porto de Salvador, por ordem do cel. Moreira César. O autor prefere não tecer comentários sobre a produção "histórica" editada pela diocese de Paulo Afonso, à qual pertence Canudos, e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, devido às suas finalidades exclusivamente panfletárias.

11 José Honório Rodrigues, *Vida e História*, p. 79.

nudos. O que origina toda uma versão romaneada da tragédia desencadeada nos sertões da Bahia entre 1896-97 é, como não poderia deixar de ser, uma obra literária muito pouco conhecida. Publicada em 1903 (meia dúzia de anos após a guerra...), intitulase *O Ideólogo*. Seu autor, Fábio Luz, leu a obra de Kropotkine, *Memórias de um Revolucionário*, que muito o impressionou. Daí que, interpretando à sua maneira as idéias do líder russo, Fábio Luz decidiu aplicá-las a Canudos, ainda efervescente e enigmático na cabeça da intelectualidade brasileira que, diga-se de passagem, nada fez contra o feroz extermínio, quando não o apoiou. O trecho do livro de Luz que nos importa é o seguinte:

“– Pois é o que lhe digo, meu caro. Uma horda inteira de bandidos. Não se sujeitavam às leis, e viviam lá a seu modo. Fez bem o governo, fez um Estado no Estado!

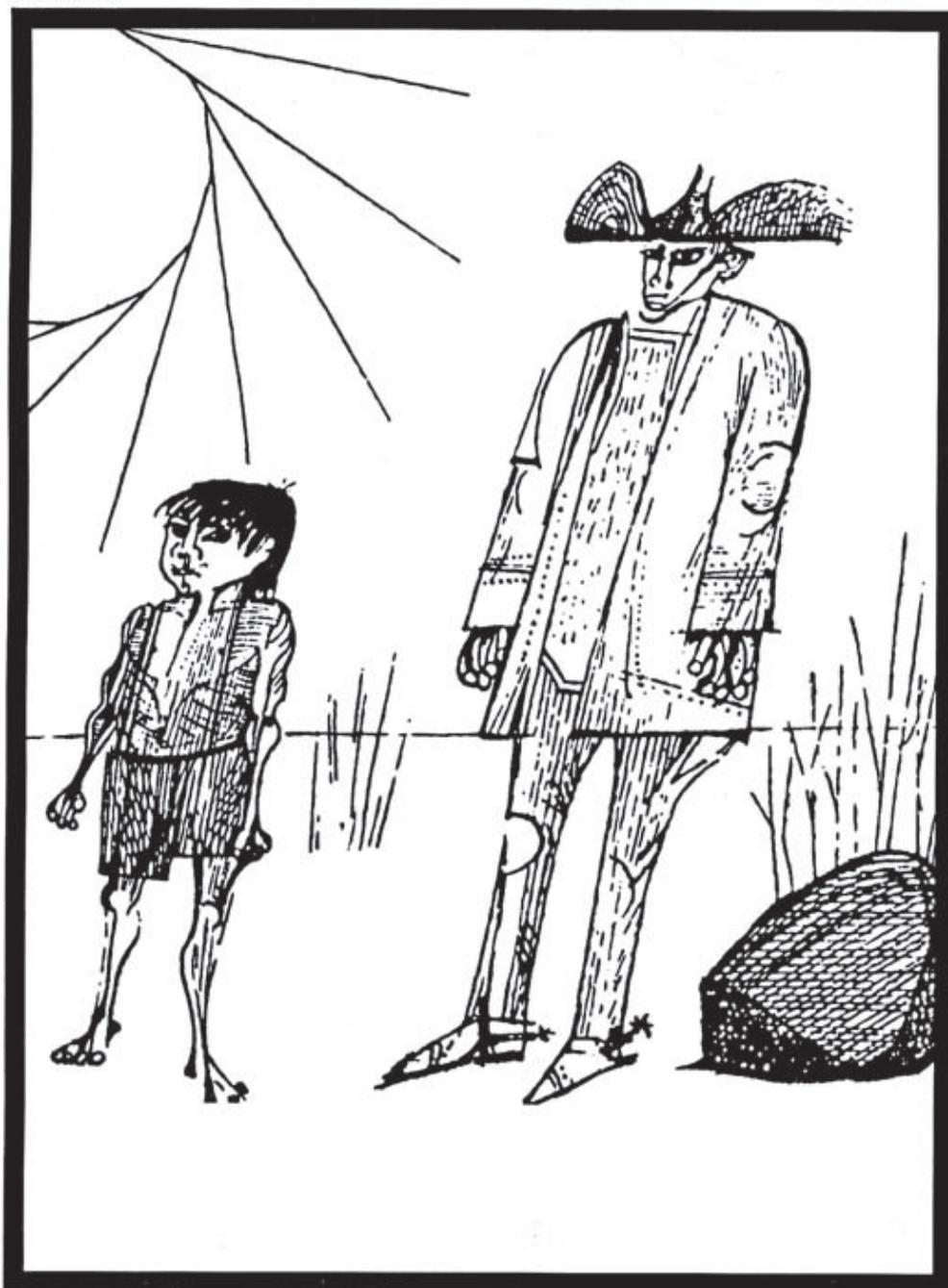
– Foi uma crueldade sem nome, Sr. Comendador, disse Anselmo. Que mal fazia aquele núcleo independente? Eles eram pacíficos. Faziam propaganda religiosa e edificavam igrejas. Queriam a paz dos humildes e viviam em uma comunidade invejável. O governo republicano foi tão cruel para aquela pobre gente, como seria o Czar da Rússia. Lembra-se dos Dukhobors? Tolstói era fidalgo, era nobre, fez-se campônio. Antônio Conselheiro fez-se orientador das massas, tirou do catolicismo uma nova religião, aplicou o doce comunismo cristão aos sertanejos jagunços e tais eram seus dotes morais e o seu prestígio intelectual que formou uma comuna exemplar nos sertões inóspitos. E, lá na santa paz de uma religião social por ele inventada para uso dos humildes, fundou Canudos - uma cidade de palha, onde a fraternidade e a igualdade foram encontrar a verdade de sua significação. Tolstói é um homem culto, um homem de letras, um apóstolo: Antônio Conselheiro era um homem do povo, quase analfabeto. Entretanto foi igual sua missão na terra. Tolstói continua a sua propaganda mística com a sua religião pura dos Evangelhos. Antônio Conselheiro evangelizou sua religião nova, e organizou a seu modo a sua comuna sem governo e sem potentados. Eles eram felizes nos inóspitos sertões, felizes na sua humildade e na sua fé. Para se defende-

rem das hostilidades da sociedade perversa que os cercava eles sabiam manobrar as armas. Eram supersticiosos e tinham uma religião nova, diziam. Que tinha a República com a religião deles - nova ou velha? Mas era a organização livre que era preciso destruir. Era no exemplo; era no modelo de organização comunal; era na liberdade sem peias; era na felicidade sem as complicações solícitas dos governos que estava o perigo. Eles eram felizes na sua fé ingênua, na sua igualdade de irmãos. O Estado não podia consentir em tal. Era uma revolução na organização social; era a retrogradação!!! Um covil de vagabundos, que não traziam ao comércio o produto de sua lavoura ou de sua indústria, um centro de rebeldia, onde havia até igualdade no modo de vestir, onde não se gastavam sedas, e as jóias como todos os objetos de luxo não tinham cotação, deviam desaparecer. Que sociedade atrasada! Não havia exploração! todos iguais! Era urgente o extermínio a ferro e a fogo! E eles mostraram como os humildes, para defender sua felicidade, e a paz do seu lar, sabem lutar. As expedições partiram e as expedições foram derrotadas. Honra aos jagunços!

– Ora, meu amigo, é até ridículo comparar Antônio Conselheiro a Tolstói.

– Ridículo por quê? Se na Europa tivesse aparecido o Conselheiro, se tivesse como Tolstói ou Kropotkine feito sua propaganda pelos campos, se tivesse escrito livros em que pusesse em evidência suas teorias humanitárias, o senhor olharia compungido o seu retrato, teria veneração pelas longas e brancas barbas do asceta, e lhe daria um lugar distinto na sua galeria de benfeitores da humanidade. Ele era um simples sertanista, tinha sentido com os retirantes do Ceará o flagelo da seca e da fome, e talvez nos areais intérminos onde a luz abrasadora do Sol calcina os cadáveres daqueles que abandonaram terras, culturas, lares em busca de uma gota d'água, tivesse, impotente, visto uma geração inteira extinguir-se ao sopro cáldo do flagelo. Contra ele talvez se tivessem conspirado terras e céus; e ele ficou só e resignado, e não tendo família, pois a esposa lhe roubaram, viveu para a Humanidade.

Porventura os mártires do cristianismo que o senhor venera por esnobismo eram



diferentes dele? Não eram, como ele, do povo; simples, humildes e ignorantes? Ele tinha entretanto a intuição da igualdade, e foi muito além do seu tempo. Um dia Antônio Conselheiro há de ser admirado como o precursor de uma idéia nova de largos horizontes” (12).

Com efeito, se não temos motivos suficientes para louvar as virtudes literárias do autor de *O Ideólogo*, não há como negar-lhe uma invejável capacidade profética. Luz tem a confirmá-lo modernamente uma tal plethora de “história” e de “historiadores” que chega

a colocar em risco de extinção não somente o conhecimento da epopéia conselheirista, fato crucial para o entendimento da história pátria, como o próprio ofício de historiador. Parece que, a prosseguirmos no rumo atual, brevemente chegaremos a uma outra verdade, expressa, momentos antes de sua morte, pelo coronel Tamarindo, subcomandante da expedição Moreira César e cujo registro não escapou a Euclides da Cunha:

“É tempo de murici
cada qual cuide de si...”

12 Wilson Martins, *História da Inteligência Brasileira*, V, pp. 224-5.